

A MULHER CABO-VERDIANA NA LITERATURA: POSSÍVEIS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO

CAPE VERDE WOMEN IN LITERATURE: POSSIBLE FORMS OF REPRESENTATION

Daynara Lorena Aragão Côrtes¹
Isabela Batista dos Santos²
Jeane de Cassia Nascimento Santos³

RESUMO: O presente trabalho se baseia na obra *Mornas eram as noites* (2002), da cabo-verdiana Dina Salústio, com foco nas questões que tangem à mulher e suas possíveis representações. Como parte de uma abordagem de caráter sociológico, tendo em vista o uso da teoria formada por Elódia Xavier em *Que corpo é esse?* (2007), o viés para análise dos contos “Foram as dores que o mataram” e “Álcool na noite” é direcionado para o corpo feminino. Nesse sentido, a literatura de Dina Salústio, além de dialogar com uma corrente de escritores cabo-verdianos anticoloniais, traz para seus contos os problemas, mas também alternativas de superação de questões ainda presentes na contemporaneidade. Como recurso teórico-metodológico, fizemos uso das contribuições teóricas de Maria Aparecida Santilli (1985) e Manuel Ferreira (1977), bem como de Benjamin Abdala Júnior (2008) e Simone Caputo Gomes (2008).

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana; Dina Salústio; Mulher; Corpo.

ABSTRACT: The present work is based on Salústio (2002), that aims the issues that touch women and their possible representations. As a part of a sociological approach, based on the theory proposed by Xavier (2007), the bias for analyzing the tales "It was the pain that killed him" and "Alcohol in the night" are directed to the female body. In this sense, Salústio's literature, in addition to dialoguing with a chain of anticolonial Cape Verdean writers, brings to her stories not only the problems, but also alternatives for overcoming issues are still present in contemporary times. As a theoretical-methodological resource, it was made use of the theoretical contributions of Santilli (1985), Ferreira (1977), Abdala Júnior (2008) and Gomes (2008).

Keywords: Cape Verdean Literature; Dina Salústio; Woman; Body.

1 Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: cortes_daynara@hotmail.com.

2 Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: belabds.santos@gmail.com.

3 Doutora pela Universidade de São Paulo (USP); professora adjunta da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: jeanecn@uol.com.br.



Considerações iniciais

Você, Cabo Verde,
É parecido com meu chão;
Com o Ceará das estiagens,
Com o cheiro da minha terra.
(Simone C. Gomes)

Localizado no meio do oceano Atlântico, Cabo Verde é composto por dez ilhas, das quais a ilha de Santiago é considerada a “ilha mãe” por concentrar maior quantidade de habitantes. Como divisão geográfica, ao Norte se situam as ilhas a Barlavento: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boa Vista. Ao Sul, as ilhas a Sotavento: Maio, Santiago, Fogo e Brava. A formação territorial do país possui um traço único diante da composição continental africana. Diante disso, algumas curiosidades permeiam as ilhas que compõem o país, até mesmo no que diz respeito aos mitos fundacionais presentes no imaginário popular.

Muitos desses mitos relacionam-se com a colonização, que se iniciou nesse território por volta dos anos mil e quatrocentos, ou seja, já no século XV, quando houve a iniciação das grandes navegações protagonizadas, em seus primeiros acontecimentos, pelo império português. A longa viagem em torno da costa continental africana deixou marcas significativas nos destinos das populações já presentes e na tentativa de ocidentalização das distintas formas de vida, as quais a visão eurocêntrica por anos, e mesmo na atualidade, buscou e busca suprimir.

Em nosso caso específico, nas ilhas de Cabo Verde, há informação de que esse conjunto fragmentado no mar seria um território desabitado antes da chegada dos portugueses. Vale notar que esse relato ainda é fonte de grandes questionamentos que nos fazem mergulhar em uma imagem mítica e paradisíaca de um lugar inabitado. Mesmo diante disso, a influência maior da presença europeia se deu pelas constantes migrações que o favor econômico imprimiu na “Era Colonial”. Para além de Cabo Verde, temos Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique. Todos esses países mencionados, além de apresentarem geografia particular, mantêm especificidades que são distintas da formação cultural cabo-verdiana, mesmo diante dos semelhantes mecanismos colonialistas executados pelo



imperialismo português durante o período colonial, ou seja, antes do marco de 1975.

Isso ora aproxima questões de cunho identitário ligadas à Europa, pela suposta inicial presença de colonos no séc. XV, ora distancia pelas experiências semelhantes obtidas através do processo violento de colonização executado tanto nas ilhas quanto nos países citados anteriormente. Vale aproveitar a oportunidade para fazer uma análise à luz dos fatos históricos ocorridos, pois o sentimento anticolonialista surgido desde as primeiras tentativas de superação da política imperial será transcrito na produção literária do período colonial, como também após a conquista da independência política em 1975.

Maria Aparecida Santilli, em *Estórias africanas: história & Antologia* (1985), discorre, inicialmente, acerca da relação próxima entre a modalidade escrita surgida e a sua intrínseca relação com o arcabouço oral ressignificado posteriormente. Para além das gerações de escritores dos países africanos de língua portuguesa acoplados ao continente, Cabo Verde, segundo o olhar crítico da estudiosa, apresenta questões relacionadas à raça sem o peso ou enfoque visto, como, por exemplo, em Angola e Moçambique. Isso porque a característica marcante da mistura étnica foi uma decorrência natural em seus meandros históricos, sociais e culturais. Nesse sentido, o crioulo, língua pertencente à comunicação diária no país, tomou as formas específicas do espaço físico e imaginário, fazendo surgir um novo cidadão: o mestiço.

Nas palavras de Santilli: “Já não é, portanto, o homem europeu ou o homem africano que representa essa sociedade, mas o homem crioulo, em cuja maneira de ser as culturas convergentes teceram mais cedo a unidade cultural cabo-verdiana” (1985, p. 23). Importa-nos considerar o surgimento dessa nova identidade, pois ao situar a produção híbrida erguida nos anos trinta, do séc. XX, dividida pela revista *Claridade* (1936-1960), conforme defendido por Maria Santilli (1985) e por Benjamin Abdala Junior (2003), estaremos compreendendo a historiografia literária e suas rotas contemporâneas, não somente através da imagem representativa do homem africano aguerrido, que vai à guerra armada para libertar a sua nação das amarras imperiais, mas nos importa analisar o espaço conquistado pela mulher e a sua situação após a independência nacional.



Em vista da historiografia literária e do espaço ocupado pelas mulheres, faz-se oportuno questionar: em qual lugar ou tempo se situa a escritora Dina Salústio? Poderíamos dizer que ela se situa em seu país de origem ou, pelas constantes atividades que vem realizando em nome da divulgação da literatura nacional, no mundo. Além disso, a sua literatura consegue tomar um alcance que rompe barreiras colocadas às escritoras africanas, atingindo leitores e leitoras distantes do lugar onde seus pés estão postos.

Sobre o tempo, poderíamos, também, afirmar que ela se encontra no trânsito da história cabo-verdiana, ora no presente, ora deslocando-se para o passado. Valem os dados biográficos e a menção as suas inquietações temáticas: nascida em 1941, na ilha de Santo Antão, Bernardina Oliveira Salústio sempre manteve interesse, em particular, pelos motivos que culminaram no silenciamento das mulheres no curso da história literária do seu país. Nesse sentido, o eixo da sua produção traz à tona a violência como experiência comum na vida da mulher, ser que sofre com maior peso a subjugação diante das subalternidades africanas no contexto da exploração.

A obra e o contexto: o surgimento de uma literatura originalmente cabo-verdiana

Em *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa I*, Manuel Ferreira (1977) afirma que não houve literatura colonial em Cabo Verde. Esclarecendo esse termo, conforme o próprio Ferreira (1987), inicialmente, com a expansão portuguesa nos países colonizados, desenvolveu-se uma literatura colonial, isto é, produções com perspectiva eurocêntrica nas quais o universo narrativo é o do homem europeu, e o homem negro aparece casualmente de forma coisificada e marginalizada. Por outro lado, a literatura africana de expressão portuguesa traz o homem negro para o centro do universo literário, sendo o sujeito da enunciação e não mais um objeto. Vejamos o excerto:

No texto da literatura colonial, por décadas exaltada, o homem negro aparece como que por acidente, por vezes visto paternalistamente, o que, quando acontece, já é um avanço, porque a norma é a sua marginalização ou coisificação. [...] As literaturas africanas são o inverso da literatura colonial. [...] No espaço material e linguístico do



texto o negro é privilegiado e revestido de um solidário tratamento literário – embora não sejam excluídas as personagens europeias (de sinal negativo o seu positivo) (FERREIRA, 1987, p. 11-13).

No entanto, o que Ferreira (1977) nos apresenta é o fato de, em Cabo Verde, a partir da segunda metade do século XIX, haver uma configuração diferente no arquipélago, visto que o poder estava em posse de uma burguesia branca ou negra, assim a relação era de explorador *versus* explorado e não exatamente de colonizador *versus* colonizado. Diante disso, argumenta sobre essa ausência de uma literatura colonial com José Evaristo de Almeida e sua obra *O escravo*, que se desenvolve na primeira metade do século XIX, apresentando o espaço da ilha de Santo Antão, personagens, em sua maioria africanos, e as temáticas da escravidão e da valorização do homem da África.

Tendo isso em vista, o aparecimento desse universo africano nas produções literárias nos mostra que não existiu uma literatura colonial, mas, sim, desde o início, uma literatura de expressão portuguesa. Assim sendo, o estudioso afirma: “De um modo geral, estes autores procedem às suas abordagens colocando-se *dentro* do universo cabo-verdiano e o seu registo é dominado pelo concurso de algumas das contradições do sistema social, donde uma mensagem criticamente positiva e esclarecedora” (FERREIRA, 1977, p. 22).

Destarte, a literatura cabo-verdiana se desenrola de modo diferente da moçambicana e angolana, por exemplo, a questão da cor e da aculturação não é ponto de destaque por haver a “harmonia racial” exposta por Ferreira. A circunstância da ausência de literatura colonial e de questões como a aculturação leva às condições próprias de aparecimento da literatura cabo-verdiana. Nesse sentido, Ferreira (1977) considera a literatura produzida em Cabo Verde antes e depois da revista *Claridade*, afirmando que os antecessores José Lopes e Januário Leite, por exemplo, são desprezados pelos modernos que trabalham no projeto nacional, porém ressalta que àqueles contribuíram muito, tendo em vista que hoje há uma nova realidade social de um país independente. Assim, para Ferreira (1977):

Considera-se a autêntica literatura cabo-verdiana aquela que exprime a *cabo-verdianidade*, ou seja, o conjunto de textos cujo enunciado reflecte o real cabo-verdiano. Com frequência, e alguma veemência, a partir de década de trinta, a questão ficou devidamente clarificada e demarcada,



embora nem sempre isenta de excessos, como quase sempre acontece em momentos de ruptura (e a parte de responsabilidade que nisso nos cabe não a queremos enjeitar) (FERREIRA, 1977, p. 21).

Na exposição de sua defesa, notamos que a verdadeira literatura cabo-verdiana na ótica de Manuel Ferreira se dá em um contexto que atende aos anseios da realidade da nação e que essa discussão fica mais relevante a partir da década de 30 e da revista *Claridade* (1936). É a partir dessa década que a literatura cabo-verdiana floresce e que escritores como Manuel Lopes e Baltasar Lopes empenham-se na busca da identidade cultural do país, de acordo com Santilli (1985).

Com as temáticas da fome, da emigração, da seca e da miséria, seguem outros escritores, como Gabriel Mariano. Conforme afirma Santilli (1985), no contexto da revista *Certeza* (1944) está o próprio Manuel Ferreira e Orlanda Amarílis. O primeiro, sobre cujas reflexões acerca da literatura cabo-verdiana discorreremos há pouco, explora temas do partir e do ficar e a “morabeza” dos ilhéus. Já Amarílis, por sua vez, traz “[...] estórias nostálgicas, de homens ou mulheres perdidos na multidão anônima, que carregam consigo a sofrida experiência cabo-verdiana” (SANTILLI, 1985, p. 27).

Diante desse quadro, chegamos à escritora contemporânea Dina Salústio, que passeia pela escrita de contos, poesia, romance e ensaio. De acordo com Simone Caputo Gomes (2008), Salústio é sócia-fundadora das revistas *Mujer* e *Ponto & Virgula*, além de atuar como jornalista, professora, assistente social, entre outras funções. Sobre *Mornas eram as noites* (2002), Gomes (2008) declara que há uma prosa poética que ressalta a morna, tipo de música que teria como ponto principal as mulheres. Nesse caminho, analisaremos dois contos do livro citado que ilustram o enfoque dado por Salústio, utilizando-nos de categorias do corpo feminino abordadas por Elódia Xavier (2007), para observar como se configura o corpo das mulheres nas narrativas “Foram as dores que o mataram” e “Álcool na noite”.

O “violento” e o “degradado”: duas formas de pensar a categoria corpo

O conto “Foram as dores que o mataram” retrata a história de um homem e uma mulher, de nomes desconhecidos, em que a mulher sofreu



violência por parte do homem e acabou por matá-lo. Apesar de a estória discorrer dessa forma, a situação narrativa que é descrita se inicia no momento após o acontecido, quando a voz de um narrador em 3ª pessoa principia dizendo: “Não importa o dia. Nem importa mesmo o ano em que se conheceram. Aconteceu” (SALÚSTIO, 2002, p. 17). Também pela voz da mulher que narra em 1ª pessoa: “Não matei meu marido” (SALÚSTIO, 2002, p. 17). O narrador em 3ª pessoa inicia expondo que eles se amaram, mas em algum momento as rotinas do casal se afastaram, fazendo disso um desafio para ambos.

Logo após, a narradora-protagonista declara que não matou o marido, mas reagiu a um processo de autodefesa, como vemos: “Foram as dores do meu corpo que o condenaram. Foram o sangue pisado, o ventre moído, as feridas em pus” (SALÚSTIO, 2002, p. 17). A partir de então, já observamos a violência que esse corpo feminino sofria, passando, até mesmo, por “usos e abusos”, conforme visto no conto. Anteriormente a matá-lo, situação que não é narrada na estória, ela fez o papel da mulher submissa que esperava o marido voltar e o aguardava com esperanças de que a violência não mais se repetisse: “Via-o partir e ali ficava horas e dias à espera que voltasse e me trouxesse um riso e a esperança de que as coisas iriam mudar” (SALÚSTIO, 2002, p. 17).

Apesar de afirmarmos aqui que ela matou o marido, pois diz recorrentemente “Eu amava-o. Por que matá-lo?” (SALÚSTIO, 2002, p. 17), ela também afirma que “Ele matou-se” (Idem, p. 18). Assim, isso pode significar o acúmulo de sofrimento que ela passou e iria passar – como segue: “[...] as pancadas de amanhã...” (SALÚSTIO, 2002, p. 17) – levou-a a essa atitude drástica.

Diante disso, defendemos que ela passa de um corpo disciplinado a um corpo violento, categorias sustentadas por Elódia Xavier (2007). Ao desenvolver a respeito do corpo disciplinado, a estudiosa exemplifica sua teoria utilizando a personagem Macabéa, da obra *A hora da estrela*, da escritora brasileira Clarice Lispector. Essa personagem, segundo Xavier (2007), tem sua existência nula, e isso deriva de um sistema social repressor. Assim, “Arthur Frank [...] ao criar uma tipologia dos corpos, institui o corpo disciplinado (“the disciplined body”), cuja característica básica é a carência garantida pela disciplina” (XAVIER, 2007, p. 58).



Além de Frank, conforme Xavier (2007), Foucault também aborda essa categoria ao falar de “corpos dóceis”, ou seja, que estão sujeitos ao controle e carregam uma noção de docilidade. Por último, a estudiosa expõe sobre a teoria da “violência simbólica” de Pierre Bourdieu, a qual trata de um modo de dominação que não é visível e que se perpetua através de agentes como a Família e a Igreja.

Perante isso, constatamos que a personagem analisada no conto “Foram as dores que o mataram” é inicialmente disciplinada, sendo subserviente ao marido e suportando mais que a violência simbólica, sujeitando-se à violência física também, como visto na narrativa: “Criou um espaço onde coabitavam a violência, a destruição, a miséria, o animalesco. E nós” (SALÚSTIO, 2002, p. 18). Essa personagem aguardava o momento em que o marido modificasse suas ações, o que é próprio da violência doméstica, uma vez que “[...] não compete ao corpo disciplinado questionar os procedimentos” (XAVIER, 2007, p. 62).

Assim, ela não questiona a dominação do marido, apenas anseia pela mudança. No entanto, chega a um ponto em que essa violência não é mais sustentada, como traz Xavier:

Arthur Frank, em seu artigo já citado, diz que quando o corpo disciplinado sai de si mesmo para relacionar-se com os outros assume uma atitude agressiva, valendo-se da força. Para ele, o corpo disciplinado mantém uma relação monádica (*monadic*), isto é, relaciona-se consigo mesmo, está entre os outros, mas não com os outros. (XAVIER, 2007, p. 65)

Nesse sentido, o corpo que era disciplinado dessa narradora-protagonista transformou-se em um corpo violento. A partir do instante narrado, a ação violenta contra o marido já foi realizada, e então a personagem começa a declarar que não o matou, mas sim as dores provadas nela. O corpo violento, na categoria exposta por Xavier (2007), caracteriza-se por ser o corpo feminino que se revolta, vinga-se, sobretudo, da figura masculina após um período de dominação. Uma das exemplificações da autora é a personagem de *Memorial de Maria Moura* (1992), da também escritora brasileira Rachel de Queiroz, que “rompe com o ‘destino de mulher’ e investe num projeto de vida perigoso” (XAVIER, 2007, p. 125), transformando-se numa chefe de crimes. Já no caso do conto



que analisamos, a personagem torna-se violenta após a fase de domínio do marido e vinga-se, não sem permanecer angustiada.

Na continuidade das narrativas presentes na obra *Mornas eram as noites* (2002), temos o conto “Álcool na noite”, cujo elemento narrativo central, o próprio narrador, terá as formas de uma mulher que se coloca em 1ª pessoa, descrevendo e analisando a situação de duas mulheres tomadas pela embriaguez. Assim se inicia: “A noite estava serenamente calma e o calor convidava a estar-se no terraço a olhar para as estrelas, preguiçosamente, sem pensar em pensamento nenhum” (SALÚSTIO, 2002, p. 47).

Com um forte traço intimista, visto que há uma retomada das questões de ordem existencialista, com questionamentos sobre a felicidade e a construção moral daquilo que guia a forma consciente de ver o mundo, a narradora descreve os dois corpos de modo preciso: “Vêm-se aproximando. E estão bêbadas. Depois um palavrão. Talvez o eco de uma topada. E outro. E gargalhadas. Não consegui entender a felicidade dos risos debochados. Mas haveria mesmo felicidade? Quem me encomendou o sermão?” (SALÚSTIO, 2002, p. 47).

Consideremos, pois, as análises de Simone Caputo Gomes, no capítulo “Mulher com paisagem ao fundo: Dina Salústio apresenta Cabo Verde”, ao afirmar que “a narrativa de Dina Salústio ultrapassa o tópico da cabo-verdianidade para adquirir um estatuto de discurso que se coloca como reflexão da questão humana” (2008, p. 228). Logo, percebemos que a retomada de uma reflexão existencial sobre a veracidade ou não da felicidade não só pertence à mulher e ao homem situados no meio do oceano Atlântico, mas percorre o ser humano em qualquer localização mundial.

Na esfera da objetividade posta, por meio de uma descrição que evidencia a vulnerabilidade de dois corpos femininos ébrios, o surgimento de uma criança ao reconhecer a mãe traz à luz do fato narrado a duplicidade da violência vivida: ser mãe jovem e estar ocupando um espaço marginalizado. Retomando as considerações de Elódia Xavier (2007), ela afirma, na definição de “corpo degradado”, que essa categoria está ligada ao conceito maternal divinizado associado à mulher. Nas palavras da estudiosa brasileira: “Essa representação degradada do corpo nos remete à história do cristianismo, em que, se a fé cristã, por um lado, acredita num Deus que se



tornou corpo, carne, por outro lado evoluiu para uma prática e postura de hostilidade ao corpo” (XAVIER, 2007, p. 132).

Como a divinização apresenta como ideia contrária o conceito de penalização, pois a atribuição do ato de “divinizar” corresponde também ao ato de “penalizar”, opostos que mantêm uma relação dependente, o corpo sexualizado traz significações muitas vezes atreladas à vulnerabilidade como marca de um passado histórico. Com base no estudo da categoria corpo associada à representação do cristianismo e sua materialidade através da figura de Jesus Cristo, a adição da filosofia cristã recebeu diversas leituras a depender do local de alcance, não somente em território ocidental, mas na própria África.

Elódia Xavier aponta para uma crescente desvalorização do corpo desde as afirmações do apóstolo Paulo, nos manuscritos bíblicos, até o Novo Testamento, e, em suas palavras: “Com a desvalorização do corpo a mulher também foi desvalorizada; com o desprezo pelo corpo cresceu também o desprezo pela mulher” (2007, p. 132-133). O passado histórico reflete, portanto, questões de ordem social cujo abandono representa as relações de poder exercidas tanto do ponto de vista hierárquico entre os gêneros quanto de uma parte da população ainda submetida às dominações políticas de um cenário caótico mundial.

Nesse sentido, questionamos: em qual lugar esse corpo atua e sob quais formas? Vestígios de qualquer tipo de moralidade ou dignidade humana esfacelam-se à medida que o ser consciente perde o seu controle. Afinal, elas “estão abraçadas, tentando equilibrar-se, uma no corpo da outra” (SALÚSTIO, 2002, p. 47). Muito próximo da análise feita por Xavier (2007) de uma progressão vista através dos contos da escritora e jornalista brasileira Márcia Denser, em *Tango Fantasma* (1976), as mulheres da narrativa em estudo, de Dina Salústio, além de não serem identificadas por nomes, despertam a penúria diante de um olhar atento que as vigia.

Desse modo, a libertação não configura a emancipação feminina, mas a degradação, uma vez que a vulnerabilidade é traço característico da zona de risco ocupada pelas personagens do conto “Álcool na noite”. Xavier prossegue afirmando: “É como se fosse a libertação de uma vida reprimida; mas, de fato, vem a ser o início de uma trajetória decadente” (2007, p. 137).

O desenvolvimento narrativo, centrado nas duas mulheres embriagadas, revela-se por um olhar que julga a própria situação de



telespectadora do caso e alguém que porventura possa avaliar a situação através do comportamento assistido. A mulher ébria é o *outro* e, quando percebida essa posição subalterna, fere quem a assiste e narra, mesmo sendo reconhecida como gênero semelhante. Sem referência de nome, parentesco familiar ou localidade, as personagens descritas não são alcunhadas nem mesmo por epítetos, mas são tingidas de uma descrição carregada de melancolia, o que o desfecho da narrativa revela:

A noite não tinha mais magia. Acho que nem estrelas. Apenas uma ferida no sentimento antigo de ver nas mulheres, para além de tudo, seres diferentes. [...] E vou pensando, enquanto desço as escadas. E os passos falam vergonha, humilhação e revolta. E pena (SALÚSTIO, 2002, p. 48).

Próprio de uma linguagem carregada de múltiplas referências, conforme afirma Simone Caputo Gomes (2008), vemos uma escrita literária de encontros e confrontos. Os encontros são realizados pelas influências culturais presentes na própria formação híbrida do país dispostas nas narrativas, e os confrontos, por sua vez, acontecem pela carga contestatória forte, a qual a escritora toma como matéria artística.

Diante disso, Gomes (2008) ressalta que a presença feminina, sendo fonte de grande inspiração e dedicação do trabalho da escritora cabo-verdiana, é marca registrada também nos contos da obra *Mornas eram as noites* (2002), e conclui dizendo que “a ficção de Dina Salústio põe em cena grandes mulheres [...] com suas forças e fragilidades, tentando traduzir uma nova subjetividade e um novo modo de encarar o mundo. Mulheres fortes. Mulheres com paisagem ao fundo: Cabo Verde” (GOMES, 2008, p. 237).

Considerações finais

No conjunto complexo das configurações postas, existe a criação das imagens discursivas colocadas na própria hierarquia de gêneros, uma vez que persistem um tratamento social e uma problematização literária distinta para ambos os lados, aqui tratados como categorias. Portanto, a obra *Mornas eram as noites* (2002), cuja primeira publicação foi em 1994, dezenove anos após a independência de Cabo Verde, ainda consegue reunir essas duas formas de tratamento, fazendo da construção das narrativas contidas nela uma fronteira existente entre a dominação de um corpo social e, por conseguinte, da sua libertação.



A geografia do país não é posta por aleatoriedade. A reunião dos sentimentos contidos na representação desse corpo feminino além de manter diálogo com as relações sociais conflitantes, reúne a história de uma nação segmentária de frequentes migrações e imigrações. Dessa forma, pensar o corpo feminino dentro desse universo repleto de influências, seja por imposições ou por identificações, nos leva a pensar os níveis de sujeição ainda presentes em uma população que vem reconstruindo a sua identidade nacional, ou seja, a sua “cabo-verdianidade”.

Nesse sentido, tratar da literatura cabo-verdiana é pautar também a sua relação com o Brasil a partir de “processos de identificações”, como traz Benjamin Abdala Jr. na apresentação de *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*, de Simone Caputo Gomes (2008). Nessa apresentação, Abdala Jr. afirma que:

Nos ensaios da Autora, são visíveis marcas de seu desejo de identificação entre Brasil e Cabo Verde [...] ela encontra processos de identificações, cujos traços desenham, para o leitor, marcas significativas do solo da matéria simbólica, mas não só. Para além da simbologia da terra – a Mãria, percebe-se a emersão dos horizontes da Frátria (2008, p. 9).

Desse modo, notamos que existem, na relação entre Cabo Verde e Brasil, dois sentimentos que estão em jogo: o de Mãria e o de Frátria. Eles partem de um “olhar comunitário”, como afirmado pelo autor, que é articulado entre a tematização da situação social feminina (Mãria) e o desejo de identificação nacional contra a autoridade do discurso colonial (Frátria). Desse modo, é através dessa identificação que estudar Cabo Verde nos aproxima de nós mesmos. Consoante explana Gomes com a licença do poeta Jorge Barbosa: “*Eu gosto de você, Cabo Verde, / porque você é parecido com a minha terra*”.

Essa identificação vai acontecer em relação à terra, às pessoas, mas também em relação aos papéis da mulher na sociedade. Como vemos nos contos analisados, “Foram as dores que o mataram” e “Álcool na noite”, os enredos giram em torno de mulheres que estão no contexto de Cabo Verde. Todavia, elas se encaixariam adequadamente na nossa conjuntura brasileira, visto que abordam problemas que também fazem parte da nossa realidade: o primeiro tratando da violência contra a mulher e o segundo discorrendo sobre mulheres na situação do alcoolismo. Destacamos que a ausência de nomes das personagens em ambos os contos é um traço na



narrativa que reafirma essa identificação que abordamos, pois se trata do contexto cabo-verdiano de violência doméstica e de mulheres alcoólatras, mas poderiam ser personagens brasileiras.

Sendo assim, percebemos que, segundo as categorias de Xavier (2007), encontramos nesses contos as categorias do “corpo disciplinado” que passa ao “corpo violento” e também do “corpo degradado”. Em “Foram as dores que o mataram”, há uma mulher de corpo disciplinado, subjugada ao marido que a agredia, e que depois se revolta, tornando-se um corpo violento por acabar matando o cônjuge. Já em “Álcool na noite”, deparamo-nos com corpos degradados pelo álcool que podem refletir um passado de abandono relacionado à questão de gênero.

A obra *Mornas eram as noites* (2002), portanto, traz mais estórias de mulheres em diversas situações que nos fornecem elos para estabelecer mais processos de identificações com nossas mulheres, as brasileiras, e, concomitantemente, ajuda a observar o contexto das cabo-verdianas. E, apesar de encenar temas como a violência atrelada ao feminino, vemos com uma carga muito forte questões ligadas à liberdade, à reconstrução de uma nova nação, assim como à preocupação com a superação das desigualdades sociais colocadas à população e, especificamente, às crianças. Por esse viés, as estórias da escritora Dina Salústio carregam uma carga poética advinda das mornas de mulheres que valem ser estudadas e deleitadas.

Referências

ABDALA JUNIOR, B. **De vãos e ilhas**: literatura e comunitarismos. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

FERREIRA, M. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa I**. Lisboa: Biblioteca Breve; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1977.

GOMES, S. **Cabo Verde**: literatura em chão de cultura. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

SALÚSTIO, D. **Mornas eram as noites**. Praia: Gráfica do Mindelo, 2002.

SANTILLI, M. **Estórias africanas**: história & Antologia. São Paulo: Ática, 1985.



Daynara Lorena Aragão Côrtes; Isabela Batista dos Santos; Jeane de Cassia Nascimento Santos

XAVIER, E. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

Recebido: 12/04/2018

Aceito: 28/07/2018

